

**História e música:
uma análise taxemática da canção “Aquele Abraço” de Gilberto Gil**

Job LOPES¹

Resumo

O presente artigo faz uma análise taxemática da música *Aquele Abraço*, composta e interpretada por Gilberto Gil. Taxema é um termo introduzido por Kerbrat-Orecchioni (1992:75) para nomear os fatos semióticos de todas as especificidades que contribuem para marcar uma hierarquia entre os interactantes, ou seja, significa a colocação social de cada um na sua relação com o outro. Seguindo um viés semiótico, discursivo e histórico, compreende-se que a canção foi produzida para fazer uma homenagem a cidade fluminense, mas também para criticar a ditadura militar que ocorria em 1969, ano em que a música foi escrita. Gil ao ser libertado do quartel no Realengo, no qual passou sessenta dias preso, retornou em uma quarta-feira de Cinzas ao seu povo e a sua cidade e nesse clima de volta ele foi deixando seu “abraço” de uma maneira especial ou irônica a todos aqueles que marcaram sua existência, assim nasceu a canção *Aquele Abraço*. O taxema Rio de Janeiro é o primeiro signo utilizado por Gil na música, esse por sua vez, será o grande tema da canção, na qual apresentará outros signos, mas nesse contexto musical com exceção do verso *A Bahia já me deu régua e compasso*, todos os outros elementos musicais são partes periféricas desse taxema maior Rio de Janeiro

Palavras-chave: Semiótica. Música. Discurso. Ditadura.

Introdução

O presente artigo faz uma análise taxemática da composição musical *Aquele abraço* do cantor e compositor Gilberto Gil. Busca-se nessa pesquisa analisar a partir do primeiro taxema “Rio de Janeiro” os outros taxememas que o constituem. De acordo com Maingueneau (1998, p.137),

Taxema é um termo introduzido por Kerbrat-Orecchioni (1992:75) para designar os fatos semióticos de todas as espécies que contribuem para

¹ Mestrando do programa de Pós-Graduação em Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Especialista em Arte pela Faculdade Integrada do Vale do Ivaí – UNIVALE.

marcar uma hierarquia entre os interactantes: eles devem ser considerados ao mesmo tempo como indicadores e atribuidores de lugares que eles “alocam” no curso do desenvolvimento da troca.

Valendo-se do que afirma o autor, o taxema é um termo formulado por Kerbrat-Orecchioni e significa a posição dos termos no enunciado (sujeito, predicado, etc), taxema significa a colocação social de cada um na sua relação com o outro. Partindo dessa teoria analisa-se na música de Gilberto Gil, o taxema principal “Rio de Janeiro” que tem em seu interior taxememas que funcionam como pistas da sua construção de cidade. Entende-se como signo segundo Bakhtin (1997, p.32),

Os signos também são objetos naturais, específicos, todo produto natural, tecnológico ou de consumo pode torna-se signo e adquirir, assim um sentido que ultrapasse suas próprias particularidades. Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.). O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico.

A partir dos pressupostos de Bakhtin, considera-se o primeiro signo da música como fiel a realidade e verdadeiro em seu critério ideológico, isto é, o taxema “Rio de Janeiro” compreende uma das 27 unidades federativas do Brasil. Situa-se ao leste da região Sudeste, tendo como limites os estados de Minas Gerais (norte e noroeste), Espírito Santo (nordeste) e São Paulo (sudoeste), como também o Oceano Atlântico (leste e sul). Ocupa uma área de 43.696,054 km². Sua capital é a cidade do Rio de Janeiro. Os naturais do estado do Rio de Janeiro são chamados de *fluminenses* (do latim *flumen*, literalmente "rio"). O estado é formado por duas regiões morfologicamente distintas: a baixada e o planalto, que se estendem, como faixas paralelas, do litoral para o interior.

Considerações históricas sobre o estado do Rio de Janeiro

À época do estabelecimento do sistema de Capitâneas Hereditárias no Brasil, o território do atual estado do Rio de Janeiro encontrava-se compreendido em trechos da

Capitania de São Tomé e São Vicente. Não tendo sido colonizado pelos portugueses, em virtude da hostilidade dos índios estabelecidos neste litoral, entre 1555 e 1567, a baía de Guanabara foi ocupada por um grupo de colonos franceses, sob o comando de Nicolas Durand de Villegagnon, que por lá pretendiam instalar uma colônia de povoamento, a chamada "França Antártica". Visando evitar essa ocupação, garantindo a posse do território para Coroa portuguesa, em 1ª de Março de 1565, foi fundada a cidade do Rio de Janeiro, por Estácio de Sá, vindo a constituir-se, por conquista, a Capitania Real do Rio de Janeiro.

Entre 1583 e 1623 a área de maior destaque de produção de açúcar, no sul do Brasil, se deslocou de São Vicente para o Rio de Janeiro, na região da baía de Guanabara. Se, em 1629 havia 60 engenhos em produção no Rio de Janeiro, em 1639 já havia 110 engenhos e o Rio de Janeiro passou a fornecer açúcar a Lisboa, devido à tomada de Pernambuco durante as invasões holandesas do Brasil. Ao final do século havia 120 engenhos na região.

Em 1763, o Rio de Janeiro tornou-se a sede do Vice-reino do Brasil e a capital da colônia. Com a mudança da família real de Portugal para o Brasil, em 1808, também na época da tomada da Península Ibérica por Napoleão, a região foi muito beneficiada com reformas urbanas para abrigar a Corte portuguesa. Após a transferência da Corte portuguesa para a cidade do Rio de Janeiro, a autonomia, que a província tanto almejava, não foi alcançada da mesma forma que as demais, já que ao ministro do Reino, cargo que foi praticamente um substituto para o de Vice-Rei com relação ao Rio de Janeiro, era confiada a sua administração.

Após a aprovação da primeira Constituição estadual, em 9 de abril de 1892, a capital foi transferida para a cidade de Petrópolis, devido às turbulentas manifestações que ocorreram durante o governo do Marechal Floriano Peixoto nas cidades do Rio e de Niterói e também à Revolta da Armada, ocorrida naquela época. Com a chegada de Getúlio Vargas ao poder, vários interventores foram nomeados, o que não alterou o quadro sócio-econômico fluminense até que, em 1937, foi nomeado Ernani do Amaral Peixoto, genro de Vargas e que pôde realizar muito pelo estado, dando incentivo ao seu desenvolvimento industrial. Até o ano de 1964, os governos estaduais procuraram dinamizar a economia fluminense, reformando a estrutura do estado, organizando sua educação superior, melhorando a infra-estrutura elétrica e dando uma nova face à cidade de Niterói.

Após a edição da Lei Complementar nº20 em 1974, assinada pelo presidente Ernesto Geisel, uniram-se os estados da Guanabara e do Rio de Janeiro em 15 de março de 1975. A capital do novo estado passou a ser a cidade do Rio de Janeiro, voltando-se a situação político-territorial anterior a 1834, ano da criação do Município Neutro. Foram mantidos ainda os símbolos do antigo estado do Rio, enquanto os símbolos da Guanabara passaram a ser os símbolos do município do Rio de Janeiro.

História da música “Aquele abraço”

A música “Aquele abraço” é uma canção do cantor e compositor Gilberto Gil composta em 1969 que faz uma crítica ao momento em que o Brasil passava naquela época e também ao que ele estava vivenciando. Conforme Góes (1982, p.37),

Esta canção foi composta logo depois que deixou a prisão do Realengo, no Rio, em 1969. Gil foi solto numa quarta-feira de cinzas e vendo o centro do Rio de Janeiro ainda decorado para o carnaval, compõe esta canção. Ele se vale da expressão popular “aquele abraço”, onde o pronome tem sentido superlativo, para celebrar sua liberdade.

A canção não só expressa a indignação de Gilberto Gil à ditadura da época, como também claramente faz uma crítica à sociedade brasileira. Gil por meio dos versos da música desenha uma imagem perfeita do Rio de Janeiro e demonstra sua grande felicidade pela liberdade alcançada, após ser encarcerado em uma prisão do Realengo.

Aquele Abraço

O Rio de Janeiro continua lindo,
O Rio de Janeiro continua sendo,
O Rio de Janeiro, fevereiro e março,
Alô, alô, Realengo, aquele abraço.
Alô torcida do Flamengo, aquele abraço.

Chacrinha continua balançando a pança,
E buzinando a moça e comandando a massa,
E continua dando as ordens do terreiro.
Alô, alô, seu Chacrinha, velho guerreiro.

Alô, alô, Teresinha, Rio de Janeiro.
Alô, alô, seu Chacrinha, velho palhaço.
Alô, alô, Teresinha, aquele abraço.

Alô moça da favela, aquele abraço.
Todo mundo da Portela, aquele abraço.
Todo mês de fevereiro, aquele passo.
Alô Banda de Ipanema, aquele abraço.
Meu caminho pelo mundo, eu mesmo traço.
A Bahia já me deu régua e compasso.
Quem sabe de mim sou eu, aquele abraço.
Pra você que me esqueceu, aquele abraço.
Alô Rio de Janeiro, aquele abraço.
Todo povo brasileiro, aquele abraço.

Depois de passar sessenta dias na prisão, às 11 horas da quarta-feira de Cinzas de 1969, Gilberto Gil foi solto, porém não estava livre, voltou para sua cidade natal Salvador e por lá foi obrigado, assim como o cantor e compositor Caetano Veloso, a se apresentar regularmente a uma autoridade. Segundo Góes (1982, p.06), “A ausência de liberdade levou Gil a abandonar o Brasil. Antes de seguir com a mulher, Sandra e o amigo Caetano para o exílio, em Londres, grava *Aquele abraço*, um dos maiores sucessos de vendagem da história do disco no Brasil”. A música gravada pelo cantor consegue grande repercussão e foi premiada com o “Golfinho de Ouro” do Museu da Imagem e do Som e Gil já no exílio, recusa o prêmio. Escreve o artigo “Recuso + Aceito = Receita”, publicado no Pasquim em 19 de Março de 1969, fazendo uma explanação sobre as razões de sua recusa tão surpreendente e verossímil. De acordo com (Gil, 1969),

Se ele (MIS) pensa que com *Aquele Abraço* eu estava querendo pedir perdão pelo que fizera antes, se enganou. E que fique claro para os que cortam minha onda e minha barba que *Aquele Abraço* não significa que eu tenha me ‘regenerado’, que eu tenha me tornado ‘bom crioulo puxador de samba’, como eles querem que sejam todos os negros que realmente ‘sabem qual é o seu lugar’. Eu não sei qual é o meu e não estou em lugar nenhum. Mesmo longe eu posso compreender tudo. Mesmo na Inglaterra a embaixada brasileira me declara ‘persona non grata’ para as agências de notícias. Nenhum prêmio vai fazer desaparecer essa situação.

A partir das palavras do compositor, pode-se considerar a música *Aquele abraço* como um desabafo de Gil diante da ditadura militar no Brasil em 1969. A música por mais

que faça em seus versos uma “homenagem” à cidade do Rio de Janeiro, destacando características do município. Entretanto não tem essa intenção, ou seja, o objetivo de Gil era uma oposição ao que estava ocorrendo na época e não uma aceitação daquela realidade, usando a música para falar que o Rio de Janeiro continuava lindo. É em razão da finalidade da canção que o compositor se negou a aceitar o prêmio, pois para ele seria como “abaixar sua cabeça” e desculpar-se em relação à política do país, como se ele houvesse cometido um crime e a música fosse seu pedido de perdão, contrariando os reais motivos da canção.

Análise taxemática da música “Aquele abraço”

Os taxemas para as linhas francesas de Análise do Discurso e Semiótica são designados signos, assim como explica Maingueneau (1998, p.137),

Serão taxemas signos tão variados como a roupa (um uniforme, um costume elegante...); a postura do corpo (reta, encurvada...); a intensidade articulatória (falar mais ou menos forte...); a variedade de língua utilizada (dialeto, língua padrão, expressões estudadas...); o fato de monopolizar ou não a palavra, de tomar ou não a iniciativa da interação, de interromper ou não seu interlocutor, de fazer perguntas, de dar ordens ou, ao contrário, de se desculpar ou de agradecer constantemente; o emprego de tais termos de tratamento.

O taxema Rio de Janeiro é o primeiro signo utilizado por Gil na música *Aquele abraço*. Esse por sua vez, será o grande tema da canção, na qual apresentará outros signos, mas nesse contexto musical com exceção do verso *A Bahia já me deu régua e compasso*, todos os outros elementos musicais são partes periféricas desse taxema maior Rio de Janeiro.

Assim, para se estruturar uma análise taxemática é preciso examinar o taxema em um contexto, pois eles não possuem uma interpretação única, partindo da teoria de Maingueneau (1998, p.138), “Taxemas só podem ser avaliados em situação, eles não têm interpretação unívoca. Ademais, a relação hierárquica não é necessariamente fixada de uma vez por todas, ela se modifica frequentemente no curso da interação”. Assim valendo-se do que afirma o autor, o taxema Rio de Janeiro pode ser analisado de várias formas dependendo da situação, na qual ele encontra-se inserido, no caso dessa música levando em

consideração o contexto histórico-social, ele está sendo utilizado como um objeto a ser caracterizado por Gil em meio a sua alegria de liberdade, na qual tenta destacar os principais aspectos do taxema que lhe deixam feliz e também o que o torna triste e revoltado. De acordo com Góes (1982, p.37),

Gil destaca aspectos de diferentes naturezas que configuram para ele o universo carioca: torcida do Flamengo; janeiro, fevereiro e março (o verão); o terreiro de umbanda; a irreverência e o humor contidos no “velho palhaço”; a escola de samba (Portela); a favela; a banda de Ipanema.

Gilberto Gil é solto do quartel e passa a ter de novo a oportunidade de observar sua cidade, ele vive esse momento com grande alegria e ao mesmo tempo com um sentimento de revolta por tudo que estava acontecendo no país e principalmente no Rio de Janeiro. O compositor olha a sua volta e diz, *O Rio de Janeiro continua lindo, O Rio de Janeiro continua sendo, O Rio de Janeiro, fevereiro e março*, analisa-se nesses versos uma ambigüidade de Gil usada propositalmente, os taxememas Lindo, Fevereiro e Março, referem-se ao taxema Rio de Janeiro. O duplo sentido está nas afirmações dos versos da música, nos quais ele fala que a cidade continua linda, continua sendo, fevereiro e março, isto é, em razão da sua saída da prisão e seu regresso à vida social, ele passa a observar as paisagens e as belezas de sua cidade que ele deixou ao entrar na prisão e voltou a revê-las intactas ao sair, porém também é uma crítica por elas continuarem ainda belas, mesmo diante de tanta guerra e militarismo, fazendo com que Gil diga com revolta e felicidade *O Rio de Janeiro continua lindo*.

Nos versos seguintes *Alô, alô, Realengo, aquele abraço, Alô torcida do Flamengo, aquele abraço*. Gil mostra toda sua imensa alegria de estar de volta a convivência com a música e o povo carioca. Esse *alô, alô* é uma forma de expressar seu retorno, dando saudações ao povo e usando ironicamente no verso *Alô, alô, Realengo, aquele abraço*, para mostrar que ele também não esqueceu do ambiente onde passou seus piores momentos aprisionado, dando um “oi” aos guardas que lhe ajudaram no quartel. Os taxememas Realengo e Flamengo, além de rimarem na canção englobam o taxema Rio de Janeiro, pois um refere-se ao quartel da cidade e o outro ao maior e mais conhecido time de futebol.

Na segunda estrofe da canção, o principal signo é o do comunicador Chacrinha um dos homenageados por Gil em sua música. O taxemema Chacrinha é uma peça notória que integra o taxema principal da canção, pois sua atuação foi fundamental não só no período histórico, no qual a música foi composta, como também pela função que o apresentador da Tv Tupi desempenhava no país na época. No cenário político, Chacrinha ocupava um espaço polêmico. Era taxado por segmentos de esquerda como alienado. Seu humor de duplo sentido, por outro lado, também não agradava o governo militar e a direita conservadora. Chacrinha foi o retrato do povo brasileiro. Seja nas formas exageradas, nos bordões por ele inventados, no carinho ou mau humor com que ele recebia alguns dos convidados em seu palco.

Alô, alô, seu Chacrinha, velho guerreiro, esse alô que Gil manifesta ao apresentador, é mais que uma demonstração de carinho é uma parceria contra as arbitrariedades militares que estavam ocorrendo na sociedade e que Chacrinha denunciava com muito humor em seus programas, no qual se percebe também o respeito do cantor pelo apresentador utilizando a expressão “seu” no último verso. Na estrofe seguinte há mais taxememas referentes à Chacrinha, *Alô, alô, Teresinha, Rio de Janeiro, Alô, alô, seu Chacrinha velho palhaço, Alô, alô Teresinha, aquele abraço*, mas no grande contexto musical, na qual essa estrofe se insere, todos esses taxememas compõe o taxema Rio de Janeiro, tema da música.

Na última estrofe da canção *Aquele abraço*, Gil encerra sua grande homenagem ao Rio de Janeiro, tendo em seu título uma ilustração da figura “pai” da cidade maravilhosa, o Cristo Redentor, um monumento de Jesus Cristo que encontra-se localizado no topo do morro do Corcovado, a 709 metros acima do nível do mar. Foi inaugurado às 19:15 do dia 12 de outubro de 1931, depois de cerca de cinco anos de obras. Um símbolo do cristianismo, o monumento se tornou um dos ícones mais reconhecidos internacionalmente do Rio de Janeiro e do Brasil. Ele não só conclui essa homenagem a cidade que tanto ama, como também cita aquela em que nasceu *A Bahia já me deu régua e compasso*.

Nos versos *Meu caminho pelo mundo, eu mesmo traço, Quem sabe de mim sou eu, aquele abraço, Pra você que me esqueceu, aquele abraço*, o compositor faz uma forte crítica à ditadura militar, “gritando” sem medo para todo o país através de sua canção que o

seu caminho é só ele quem pode decidir e mais ninguém, que da sua vida só ele pode cuidar e fazer o que acha mais sensato. E para todos aqueles que achavam que ele havia sido derrotado, ele deixa também *aquele abraço*. Conforme Mariz (1980, p. 332),

Talvez o maior êxito de Gil seja mesmo *Aquele Abraço*, que teve seu momento histórico como reação e marcou a volta do autêntico samba na corrente tropicalista, com breque e tudo. É uma peça eufórica que canta a liberdade (da qual esteve provado algum tempo) e o Rio de Janeiro em todos os seus aspectos pitorescos: carnaval, a banda de Ipanema, Chacrinha, Flamengo rimando com Realengo (onde esteve preso), Portela... Afirma que “A Bahia já te deu régua e compasso” mas nem por isso deixa de reconhecer que “O Rio de Janeiro continua lindo! O Rio de Janeiro continua sendo!” O sucesso foi sensacional e consagrou o garoto de Ituaçu, hoje um dos cantores mais populares do Brasil.

Os últimos taxememas referentes ao Rio de Janeiro são: Favela, Portela, Fevereiro e Banda de Ipanema que unindo-se a Teresinha, Velho, Palhaço, Chacrinha, Flamengo, Realengo, Fevereiro, Março e Lindo compõem o taxema Rio de Janeiro, tema da música *Aquele abraço* de Gilberto Gil. O município tipicamente conhecido como “cidade maravilhosa” é representado pelo taxemema, Lindo. O calor e as praias, que são predominantemente as características climáticas e geográficas do Rio são representadas pelos taxememas, Fevereiro e Março. O Realengo é citado como o quartel fluminense, no qual o compositor ficou preso, o time de futebol mais famoso da cidade é representado na canção pelo taxemema Flamengo (o nome do clube). Por sua vez, os taxememas Teresinha, Velho e Palhaço compõem o taxema Chacrinha que representa a voz mais humorada e inteligente da cidade, que se torna mais um taxemema do Rio de Janeiro.

Banda de Ipanema e Portela são os taxememas que representam a alegria carioca, através da música, do carnaval e do samba que são características da cidade. Já o taxemema Favela, representa a pobreza e as mazelas existentes na cidade do Rio, mas que muitos tentavam encobrir na época. Desde o título até o final da canção, o que Gil faz através da música é mostrar aspectos pitorescos da cidade do Rio de Janeiro e também criticar a ditadura que tentava lhe calar.

Considerações finais

O ano era 1969. O carnaval ainda deixava suas marcas de decoração, sobras de lantejoulas, confetes e bandeirinhas pelo chão que ornavam a Avenida Rio Branco e a Presidente Vargas. Em uma quarta feira de cinzas, Gilberto Gil caminhava pelas ruas do Rio, quando começou a nascer uma canção, um clássico de seu repertório, que conquistou e encantou o país inteiro.

Gil havia sido preso, pela ditadura militar, no final do ano de 1968 junto com o parceiro e grande amigo Caetano Veloso, num quartel no subúrbio do Rio no Realengo. Quando conseguiu permissão para sair, a visão que teve do Rio de Janeiro naquela triste quarta feira de cinzas, misturando-se com a alegria de sentir a liberdade de volta a sua cidade, foi a de uma sucessão de imagens e estímulos visuais que proporcionaram ao compositor um misto de sensações de prazer, desenvolvidas pela liberdade que lhe tinha sido negada e que naquele momento era retomada. E através dela, ele contemplava a vida em movimento e a cidade que ele tanto amava, para ele, ela continuava linda, com sua gente, com seu futebol, com suas cores e sabores.

Nas palavras de Gil analisa-se o encontro dos olhos atentos com os ouvidos abertos para observar e escutar uma cidade que poucos a sentiam, ou seja, o mundo da liberdade, à volta para sua casa, à volta para rua, à volta para o Rio de Janeiro. O Rio que volta a colorir os olhos do compositor e a encantar os seus ouvidos. *Alô, Rio de Janeiro, aquele abraço*. Gil deixava um abraço para o Rio, um abraço que representava uma forma de demonstração do seu amor, de se encontrar em plenitude com o outro. Um abraço em ritmo de samba, que homenageia sua cidade e ao mesmo tempo critica a ditadura militar.

E através dessa canção que é obra prima da história do Brasil, na qual esboça uma cidade e ilustra um momento decisivo da sociedade. Faz-se uma análise taxemática da música *Aquele abraço* de Gilberto Gil, partindo do teórico Kerbrat-Orecchioni que introduziu os taxemas. Analisa-se o Rio de Janeiro como o taxema principal da canção, pois ele engloba todos os outros taxememas, considerados como os signos periféricos dessa interação musical que compõem a imagem da cidade fluminense.

Nesse viés semiótico e discursivo, chegou-se a conclusão nessa pesquisa que na homenagem de Gil ao Rio de Janeiro através da canção, todos os taxememas utilizados após o primeiro taxema são integrantes da construção de uma imagem, na qual há uma cidade linda por suas praias, quente quase todo o ano, com uma grande torcida de futebol, que tem em sua rede de comunicação um apresentador que mais parece um palhaço, porém que domina e conquista o povo, de um lugar muito belo, mas que também tem suas misérias, de um povo que samba e ama o carnaval, essa imagem tão colorida que o compositor “pinta” através dos seus taxememas é o Rio de Janeiro.

Referências

- ANDRADE, Mário. **Ensaio sobre a música brasileira**. São Paulo: Martins, 1962.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. (Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira). 8.ed. São Paulo:Hucitec, 1997.
- GIL, Gilberto. Disponível em: <www.gilbertogil.com.br/sec_biografia.php?>. Acesso em: 21 de maio 2009.
- GOÉS, Fred. **Literatura comentada: Gilberto Gil**. 1ª ed. São Paulo: Abril educação, 1982.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-chave da Análise do Discurso**. (Trad. Márcio Venício Barbosa e Maria Emília Amarante Torres Lima). 1ª ed. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- MARIZ, Vasco. **A canção brasileira**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Cátedra/INL, 1980.
- MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso. **In: MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina (orgs.). Introdução á lingüística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001, v. 2, p. 101-142.
- ORLANDI, Erni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 8ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.
- POSSENTI, Sírio. Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. **In: MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina (orgs.). Introdução á lingüística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001, v. 3, p. 353-392.